

Antonio, o homem que limpava cadáveres

Volume I – o início dos trabalhos.

Autora: Renata Soltanovitch

Ano 2013

Registrado Biblioteca Nacional –

contato: soltan.vieira@terra.com.br

Antonio, o homem que limpava cadáveres

Autora: Renata Soltanovitch

Antonio, o homem que limpava cadáveres

Volume I – o início

Prefácio

O assunto morte sempre me intrigou. O fato é que, se o assunto fosse sereno, ninguém se preocuparia com o fim disto tudo, pois, se morrer fosse “bom”, não haveria tanta preocupação em se proteger, se acautelar com seguranças, carros blindados, ou cuidar de suas doenças físicas, pois são poucos que se preocupam com as doenças da alma.

Quando penso que a vida poderá ser extinta a qualquer momento, seja por um infeliz ladrão, seja por um câncer sem precedentes, uma doença qualquer ou um irresponsável ao volante de um veículo, questiono por que nos aborrecemos com as coisas, antecipando a morte interna.

Embora o que façamos nunca venha a ser o bastante e nem o suficiente, deve ser feito tudo com dedicação, ainda que não resulte no esperado, pois, no dia em que a morte chegar, que àqueles que nos atendam para cuidar de nosso corpo inerte tenham o respeito e a acuidade de que um dia alguém habitou aquele corpo.

Que no dia do velório e do enterro (ou da cremação), as pessoas lamentem a ausência de sua companhia, pois, depois de algum tempo, ninguém mais irá se lembrar de você, exceto se for famoso, em que seu nome ficará para a história. Caso contrário, quando muito, alguns poucos amigos e a sua geração seguinte que fizer uso de sua herança patrimonial poderão se lembrar de sua figura. Nada mais!

Portanto, aproveite bem a vida, compartilhe a amizade e faça uso correto de seu livre-arbítrio, pois suas decisões ficarão registradas em sua memória para sempre.

Espero que aprecie este conto!

Esclarecimento ao leitor

As informações registradas neste conto e nos próximos sobre o personagem Antonio, o homem que limpava cadáver, são retiradas de pesquisas sobre rituais fúnebres, e muitas delas já publicadas na internet.

Este é o primeiro volume de outros que virão, justamente para não cansar o leitor, que, afoito em sua vida terrena, não tem tempo, muitas vezes, para uma simples leitura despreziosa.

As fontes da pesquisa são indicadas não só em respeito aos Direitos Autorais, nos termos da Lei n. 9.610/98, mas também para que o leitor possa constatar a veracidade das informações colhidas.

Dedicatória

Dedico este conto ao meu pai, Alberto Soltanovitch, morto em 1988. Serve este texto como pedrinhas que deixei de colocar em seu túmulo, embora sua lembrança ainda seja constante e seus ensinamentos aplicados diuturnamente.

O meu agradecimento por ter me ensinado a ler e me dado a oportunidade de uma vida.

Aos meus familiares, mãe e irmão, amigos e principalmente ao meu marido, Marco Aurélio Vicente Vieira, que tem que ficar ouvindo minhas ideias para meus contos.

Antonio, o homem que limpava cadáveres

Volume I

| | | |
|-----|---|---|
| 1. | ANTONIO – O homem que limpava cadáveres | 0 |
| 2. | O ritual fúnebre inventado por Antonio | 0 |
| 3. | O conforto concedido à família da morta. As orações | 0 |
| 4. | Aprendendo a fazer a necromaquiagem | 0 |
| 5. | Dialogando com a morte | 0 |
| 6. | O suicídio de Isaac – o suposto religioso | 0 |
| 7. | O cerimonial do sepultamento | 0 |
| 8. | O estudo da cabala | 0 |
| 9. | As orações para Isaac | 0 |
| 10. | Isaac e o Vale dos Suicidas | 0 |
| 11. | O aperfeiçoamento de Antonio. E a história continua | 0 |

O homem que limpava cadáveres

ANTONIO – O homem que limpava cadáveres

Antonio era um jovem rapaz muito honesto e respeitador, mas com grandes dificuldades em conseguir trabalho, até por causa de sua simplicidade e ausência de ambição.

Não era religioso, mas aprendeu com sua mãe, Antonina, a ter fé, muita fé. Sabia que podia ser feliz sem precisar de muito dinheiro e aproveitava esta sua filosofia de vida para aprender o que lhe ensinavam.

Não se apegava a nada material. Seu espírito era de um homem livre.

Com a morte de sua mãe, que era empregada doméstica, Antonio precisou devolver aos seus patrões a casa onde residia.

Decidiu sair da cidade. Agradeceu aos patrões de sua mãe e se foi.

Na mochila, levou as poucas roupas que possuía e a foto de sua querida mãe. No coração, a fé que havia aprendido e o contentamento pela decisão tomada.

Sua falecida mãe era também uma mulher simples, apaixonada pelo trabalho, e cuidava dos patrões com muito carinho.

Orava diariamente para que todos fossem protegidos e, quando foi acometida por um câncer raro nos ossos, seus patrões providenciaram todo o tratamento, afastaram-na do trabalho e não deixaram que nada lhe faltasse, desde a casa abastecida com o necessário, alimentos saudáveis e os remédios recomendados pelo médico para amenizar a dor.

Apesar da fé, o câncer a levou em menos de seis meses. Por trás daquela doença arrasadora, havia uma infância sofrida, com violência doméstica e principalmente por ter sido vítima de estupro pelo próprio pai.

Após alguns meses daquele terrível estupro, sua mãe e suas irmãs foram mortas, vítimas daquelas agressões de um homem maldoso. O que salvou D. Antonina daquela morte física foi o fato de ter se fingido de morta ao ser espancada pelo próprio pai.

O fato é que D. Antonina carregava tudo aquilo no coração e acreditou que, ao casar, tudo seria diferente. Mas não foi.

Casou-se com um marido também violento e, após o nascimento de Antonio, seu único filho, decidiu sair de casa, levando o pequeno garoto.

Foi acolhido por uma família de posses financeiras e então passou a trabalhar lá por toda a sua vida até a hora de sua morte.

Conseguiu ter um lar cedido pelos seus patrões e um colégio para seu filho Antonio. E isto foi o suficiente para acreditar que tinha uma vida feliz.

Após o enterro de sua mãe, Antonio saiu à procura de trabalho e local para morar.

Entrou em um ônibus qualquer na rodoviária de sua cidade e acabou mudando de Estado. Foi à procura de algo sem saber o que era.

Com um diploma na mão de um curso técnico de pedreiro e serviços gerais, resolveu aperfeiçoar o seu ofício e acabou indo trabalhar no cemitério de uma pequena cidade.

Antonio sequer imaginava que, embora a cidade fosse pequena, ela era um lugar de extrema riqueza cultural, por ter museus, teatros e bibliotecas.

A única catedral da cidade, com suas grandes torres de cor escura, ao lado de um mosteiro, era belíssima. Toda em estilo gótico, com vitrais trazidos da Europa e no seu interior as tumbas do clero. Ali, um estudante havia construído um relógio astronômico, com figuras de apóstolos. Algo bem interessante.

As pontes que ligavam as diversas universidades do local eram feitas em paralelepípedos coloridos.

Nas pontas de todas as pontes, havia pequenas estátuas. Eram figuras lendárias, de rituais religiosos ou de algum filósofo ou escritor.

O meio de transporte dos alunos eram os próprios pés, embora ainda houvesse bondinhos circulando na cidade. Porém, a cidade era tão linda, que o simples caminhar já era um aula de cultura, que se apreciava a cada passo.

Cheia de vielas charmosas, a cidade possuía pousadas para estudantes, que misturavam a juventude com os mais velhos, que eram donos daquelas repúblicas.

Era o aprendiz misturado com o experiente.

Discípulos com seus mestres.

A combinação perfeita para o conhecimento.

Bares esfumaçados pelos cigarros, cafés bem tirados por baristas locais, restaurantes aos sons de violinos e dois pequenos mercados, tocando sempre música ao vivo, para entreter os consumidores.

Havia várias opções de cultura.

Mas os estudantes gostavam mesmo de circular entre as pousadas, que ofereciam cardápios a preços populares.

Algumas dessas repúblicas ou pousadas, como preferirem, ainda autorizavam que os próprios alunos fizessem suas próprias refeições, podendo fazer uso de pequenas cozinhas com fogão a lenha, que eram totalmente aconchegantes.

E foi naquela pequena cidade cultural que Antonio aprendeu a enterrar mortos, viu e ouviu muitas dores das famílias, seus choros, seus lamentos, suas ladainhas.

Um dia, o dono da única funerária local, atribulado com tantas mortes naquela manhã sombria e chuvosa por conta de um acidente entre diversos carros e um ônibus de turismo, pediu ajuda a Antonio, não só para enterrá-los, mas antes para limpar os cadáveres, vesti-los e enfeitar os caixões para o velório.

Antonio, que sempre estava precisando de dinheiro, não se incomodou em fazer o trabalho de limpar o corpo inerte, trocá-lo com as roupas escolhidas pela família, colocá-lo no caixão e enfeitar.

Foi assim nos três primeiros corpos, quando Antonio então precisou limpar Marcela, uma bela jovem morta naquele acidente de carro, vítima de um bêbado infeliz que, ao dirigir seu carrão importado, não se preocupou que sua velocidade poderia ocasionar estragos na vida de uma outra família.

Apesar de estar toda machucada e com o rosto cheio de hematomas, Marcela era linda, com um rosto meigo e curvas perfeitas.

Antonio ficou encantado com aquela moça, mesmo morta. Foi então que orou.

A mãe de Marcela pediu a Antonio para acompanhar a troca de roupa da menina e ele, compadecido com aquela dor materna, conseguiu, a muito custo, convencer o dono da funerária a deixar a mãe da morta presenciar tal trabalho.

Entre diversos desmaios, mal-estares e vômitos, a mãe de Marcela conseguiu entregar a Antonio a roupa e o terço que deveriam ser utilizados no velório.

Foi então que Antonio iniciou o processo de limpeza do corpo já inerte de Marcela.

De fato, não era comum, naquela cidade do interior, a família do morto assistir a algo tão mórbido, ou seja, a limpeza e o vestuário do corpo. Mas aquela mãe precisava acompanhar para amenizar aquela saudade, e foi então que Antonio, sensibilizado, decidiu seguir um ritual, mesclando o que viu em diversos filmes, para poder reverenciar aquele sofrimento tão intenso.

O RITUAL FÚNEBRE INVENTANDO POR ANTONIO

Mesmo com a simplicidade que Antonio possuía, mas comovido com a dor insuportável daquela mãe, resolveu inventar um ritual fúnebre de limpeza daquele cadáver, em total respeito à morta e sua família.

Embora não conhecesse Marcela, Antonio iniciou com uma prece, simples, mas com todo o seu coração e respeito, pedindo auxílio aos espíritos e anjos, que acompanhassem aquela bela moça até o altar do Ser Maior.

Antonio, que acreditava que a morte repentina gerava ao espírito do morto, muitas vezes, o acompanhamento do seu ritual fúnebre, fez tal pedido, com o objetivo de evitar quaisquer sobressaltos durante a limpeza do corpo de Marcela.

Antonio ligou uma fonte de água que havia no local, para que desse a impressão de se ouvir o barulho de uma cascata jorrando, o que a natureza havia lhe concedido de graça.

Percebeu, ainda, que podia escolher as cores que refletiriam na água daquela fonte. Porém, como não entendia nada de cromoterapia e nem medicina quântica, deixou que o próprio equipamento transmitisse todas elas, mas optou que fosse dada ênfase maior às cores azul e lilás.

O corpo físico de Marcela até poderia estar morto, mas não a sua alma, e certamente o resultado das cores em sua alma seria uma forma para ela e sua mãe entenderem aquela morte tão repentina.

Durante a limpeza, que Antonio denominava de ritual de respeito, pediu permissão à mãe de Marcela para tocar uma música que pudesse suavizar aquela situação, seja da mãe, seja da própria Marcela, como acreditava Antonio.

No aparelho de som, decidiu colocar uma música instrumental, bem calma, que sua mãe gostava muito de ouvir.

A música é um bálsamo para a dor e para a alma.

Embora Antonio também não entendesse nada de musicoterapia, escolheu um CD que sempre estava em sua mochila, onde se distinguia com muita clareza o violino que se tocava ao fundo.

Sabia que, independentemente de qualquer tipo de ritual inventado, deveria seguir um padrão de higienização, borrificando no corpo inteiro de Marcela um desinfetante próprio para aquela ocasião. Depois, já com a pele seca, iniciaria a massagem para soltar os músculos do pescoço, braços e pernas, por conta da rigidez cadavérica.

Para que a mãe de Marcela não ficasse assustada com essa massagem, que tinha como único motivo o relaxamento dos músculos, decidiu então pedir a ela que fechasse os olhos e se conectasse com o universo de luz, pois começaria o ritual de limpeza, para movimentar os chakras de Marcela para o recebimento de sua alma no portal mágico da vida eterna, onde o ancião da paz já a aguardava.

Antonio, que precisava lavar os cabelos de Marcela, que estavam cheios de cacos de vidro por conta do acidente de carro, aproveitou os olhos fechados de sua mãe para iniciar a higienização para preparação para o velório, mas como se fosse um ritual de purificação dos seus chakras.

Pedia então, para mãe de Marcela, que fizesse também uma automassagem, ditada por Antonio.

Enquanto para Marcela nada mais era do que o procedimento padrão, inclusive para soltar os músculos pela rigidez cadavérica, já para sua mãe objetivava acalmá-la e fazer aceitar a morte da filha.

Para lavar os cabelos de Marcela, Antonio explicava que deveria fazer uma massagem em sentido horário no topo da cabeça, para realinhar o chakra coronário. Utilizou o mesmo procedimento para também massagear o chakra frontal, que era a manifestação do terceiro olho, localizado entre as sobrancelhas.

E foi assim no corpo inteiro de Marcela.

Pelo fato de Marcela ser uma linda e vaidosa mulher, não seria necessária a retirada dos pelos faciais, das narinas e orelhas e nem mesmo de nenhuma penugem, já que estava tudo perfeito, o que facilitaria a maquiagem.

Quando a mãe de Marcela abriu os olhos, estava mais calma, e viu sua filha linda, vestida, maquiada e com semblante de paz.

Após novo choro compulsivo da mãe de Marcela, Antonio fez nova prece, recitando o “Pai Nosso”, e deu por encerrado o trabalho, com muito amor e reverência à morta, curvando o seu corpo, como que saudando sua alma.

Solicitou que a mãe de Marcela se retirasse por um instante, pois precisava colocar o corpo da morta no caixão e enfeitá-lo, e isto seria muito dolorido para ser assistido.

Para entreter a mãe de Marcela, Antonio recomendou que fosse servido, durante o velório, o docinho preferido de Marcela, solicitando ao agente funerário que providenciasse um pequeno buffet.

Embora Marcela estivesse morta, Antonio explicava para sua mãe que aqueles que ali fossem homenageá-la deveriam ser tratados como se tivessem ido visitá-la, pois certamente isto confortaria seu espírito, que muitas vezes costuma acompanhar o funeral.

A mãe de Marcela concordou prontamente, pois uma das grandes paixões de sua filha era cozinhar para seus amigos da faculdade, pois, embora pudesse ficar horas na cozinha, elaborando uma bela refeição enquanto meditava, as horas restantes de seu dia serviriam para compartilhar a vida e o amor daquela refeição feita com capricho e dedicação.

Para Marcela, cozinhar para os amigos e recebê-los com capricho era recarregar as baterias internas, do seu interior, onde lhe era concedida a maior clareza para contatar seu Criador.

Marcela era estudante de medicina e já estava buscando especialização na área Ayurveda, antroposófica e na capoterapia.

Exotérica, Marcela pensava muito em cuidar da alma de seus futuros pacientes, com o estudo dos dosha, que estariam em desarmonia, para focar na cura, fazendo um diagnóstico do equilíbrio.

Tudo se perdeu, pelo menos na esfera física.

O velório de Marcela, além de presencial, também foi transmitido *on line*, pois, embora se tratasse de uma cidade pequena do interior, o irmão de Marcela, sabendo de suas preferências tecnológicas e de sua imensa lista de amigos, transmitiu, através de sua página em uma das redes sociais, o velório de sua irmã, autorizando que todos os amigos assistissem e ainda fizessem, no livro de condolências virtual, as anotações para a morta.

A repercussão foi geral e, se isto pudesse confortar a mãe de Marcela, o mimado bêbado do carrão importado que causou o acidente de veículo acabou sendo preso

em flagrante pelo delegado da cidade, ao ser reconhecido no hospital local para tratar os pequenos ferimentos no rosto ocasionados pela quebra do vidro do carro.

Por incrível que parecesse, o mimado bêbado teve apenas ferimentos leves em seu corpo. Porém, embora fosse sofrer as rigorosas penas da lei para este tipo de comportamento, pelas quais seria encarcerado, também sofreria na alma.

Não necessariamente nesta vida, pois certamente, com esse tipo de comportamento, ou seja, dirigir embriagado, esse tipo ser humano não tem amor nem a ele e nem ao próximo. No entanto, outras vidas para ele ocorrerão e será no plano superior que a lição será conscientemente aprendida. E será bem sofrida.

O CONFORTO CONCEDIDO À FAMÍLIA DA MORTA. AS ORACÕES

O fato é que Marcela só acabou sendo enterrada naquele cemitério local, porque cansava de dizer à sua mãe que aquela cidade – onde acabou morrendo, vítima de um mimado garoto bêbado – era o lugar que mais lhe trazia paz espiritual.

Ali sentia que tinha raízes e seus amigos mais queridos também estudavam naquela cidade, que mais parecia dormitório de estudantes.

Mas o fato é que a morte de um filho antes de seus pais manipula a ordem da própria natureza das coisas e, embora todo o carinho da comunidade confortasse a mãe de Marcela, não minimizava a dor daquele momento sofrido.

Sabe-se que a vida da mãe de Marcela nunca mais seria a mesma. Haveria transformações, com mudança de valores e de comportamentos.

A dor pode até cicatrizar, mas nunca irá deixar de estar marcada na alma da mãe, pois perder um filho, cujo vínculo é eterno, certamente não se cura.

No entanto, Antonio disse à mãe de Marcela sobre a necessária resistência à dor e principalmente a manutenção da oração diária.

Antonio recomendou à mãe de Marcela que por sete dias acendesse uma vela na residência da família, mesmo que ela não morasse mais lá. Isto ajudaria a elevar o espírito da falecida com luz.

O inconformismo é fato. Mas não pode ser estendido a prejudicar a elevação espiritual de Marcela, explicou Antonio.

Não importava a crença da família de Marcela, ou seja, se somos espíritos reencarnáveis ou se somos apenas energia, como preferem alguns. O fato é que não se pode canalizar os sentimentos de revolta pelos entes queridos que são deixados da vida terrena, pois isto em nada ajudaria o morto.

Antonio havia aprendido isto tudo com sua mãe.

APRENDENDO A FAZER A NECROMAQUIAGEM

Foi por causa de Marcela que Antonio encontrou o que procurava.

Era aquilo que queria fazer. Limpar cadáver.

Para poder se aperfeiçoar, foi sugerido pelo administrador do cemitério que Antonio fizesse um curso de necromaquiagem e tanatopraxia.

E foi assim que Antonio descobriu sua paixão pelo estudo e que tinha capacidade de ser autodidata para aprender o que quisesse.

Percebeu a complexidade da morte e que, até depois dela, há negócios jurídicos entabulados, seja na contratação da empresa funerária, como também nos inventários e em outras questões.

Aprendeu a fazer reconstituição facial dos mortos.

Isto porque há mortes violentas que danificam todo o rosto do morto e muitas vezes, no ritual fúnebre, a família pretende que seja destampada a urna funerária para a despedida.

Antonio queria fazer o melhor. E foi estudar para aprender.

DIALOGANDO COM A MORTE

E foi dialogando com a morte que Antonio conheceu o melhor da vida, sendo contratado para elaborar o realese dos mortos e aprontá-los para o ritual da passagem.

Aprendeu a perceber o melhor que aquele ser humano morto teve a oferecer e passou a lidar com essas experiências inigualáveis.

Este é só o começo da história de Antonio. O pedreiro do cemitério que, após conhecer Marcela, aprendeu a importância de cozinhar para amigos e compartilhar a vida.

Que poderia ajudar todos aqueles que estavam envolvidos com o morto, através do autoconhecimento, seja pelos métodos alternativos ou até por outros rituais religiosos que aprenderia ao longo de sua vida profissional.

Não seria somente essa versão da vida que surpreenderia Antonio.

Muitas outras coisas aprenderia dialogando com a morte.

O SUICÍDIO DE ISAAC – O SUPOSTO RELIGIOSO

Isaac era um homem agressivo nas palavras. Não se aproveitava absolutamente nada do que dizia. Durante seus longos quarenta anos, não conseguiu fazer amigos e nem mesmo direcionar sua carreira. Era um homem tão pretensioso e arrogante, que não conseguia manter por muito tempo seus clientes.

Acreditava que era o melhor advogado do País. Porém, embora suas teses fossem bem consistentes, sua antipatia e sua ignorância no trato com terceiros não lhe rendiam frutos.

Seu suicídio não abalou sua mulher e nem mesmo os demais membros da sinagoga que frequentava semanalmente.

Seu comportamento era rude para qualquer um que atravessava seu caminho. Homem amargo, infeliz, sem brilho no olhar. Porém, supostamente religioso, Isaac guardava o Shabat e comia somente o que era kosher.

No entanto, resolveu acabar com sua vida em plena sexta-feira, justamente no início do Shabat.

Aquilo tudo parecia mais uma provocação.

Os rabinos da sinagoga que Isaac frequentava se sentiram incomodados e decidiram então chamar Antonio para poetizar sua história, já que nada de bom havia na conduta dele, até porque a religião judaica, como a maioria das filosofias religiosas, entende ser inadmissível o suicídio.

Porém, Antonio, que, no alto de sua simplicidade, conseguia buscar nos parentes mais próximos do morto algo de belo que se havia feito, descobriu, com sua mulher Samira, que Isaac estava usando uma nova metodologia ao amarrar os seus sapatos.

Após ler um texto do rabino Aron Moss publicado no site www.pt.chabt.org, passou a repensar sua maneira de ser.

Sabe-se que a transformação moral é diária, mas o resultado não é imediato, em que pesem os esforços para dominar suas inclinações internas corroídas por um ódio inexplicável.

De fato, não havia motivo para tanto ódio.

Mas este ódio fazia com que Isaac não gozasse da liberdade que lhe foi concedida. Liberdade não quer dizer para se fazer o que quiser. A liberdade é aprender a dizer NÃO ao vício destrutivo. Afastar esta contrainteligência da vida.

Precisa ter, de fato, compromisso com a espiritualidade. O aprimoramento deve servir ao todo, daí a necessidade de se compartilhar a vida com as pessoas que cruzam seu caminho, o que Isaac sequer fazia ou se interessava em fazer.

Embora Isaac cumprisse suas obrigações como judeu, em seu coração faltava a crença, a fé.

Mas, com o estudo da Cabala, que fazia de forma silenciosa, sem conhecimento das pessoas que o cercavam, Isaac estava se esforçando, tanto que iniciou a tal teoria de amarrar sapatos.

A teoria explica que, ao calçar seus sapatos, era necessário primeiro colocar o direito antes do esquerdo e então amarrar o esquerdo antes do direito. Porém, para retirar, era necessário fazer o oposto, ou seja, desamarrar e descalçar primeiro o esquerdo e depois o direito.

Segundo o Rabino Aron Moss: *“A forma do corpo humano reflete os contornos da alma humana. Nosso corpo tem dois lados, direito e esquerdo, porque a alma tem dois poderes distintos. Por um lado há o poder de dar, de ser comunicativo e expansivo, e do outro, está o poder de segurar, de ser introspectivo e restrito. Estes são*

dois lados da alma, o lado da bondade e o lado da disciplina, que correspondem aos dois lados do corpo, o direito e o esquerdo. Os dois poderes são essenciais. O segredo de uma vida saudável e relacionamentos bem-sucedidos é saber como equilibrar estas duas forças – quando ser assertivo e quando se submeter; quando ser severo e quando ser leniente; quando deixar passar e quando simplesmente dizer não. Na Cabala, o lado mais forte (o direito para as pessoas destros, o esquerdo para os canhotos) representa dar e o lado mais fraco simboliza reter. Isso é para nos ensinar que nosso poder de dar deveria ser mais dominante que nosso poder de reter. O ideal é ter uma medida mais elevada de bondade que de disciplina. Os ideais são concretizados por meio de ações. Podemos ser profundamente influenciados pelo simbolismo até mesmo de atos simples que realizamos – até pela maneira de nos vestirmos. Calçar um sapato é um ato de dar (ao seu pé), portanto coloque o sapato primeiro no seu pé mais forte. Amarre então o cadarço no seu pé mais fraco, pois amarrar é um ato de restrição. No entanto, desamarrar um sapato é libertar, portanto quando você está desamarrando os cadarços o pé mais forte tem precedência. Remover seu sapato é levar, um ato de disciplina, portanto para isso, o mais fraco vem primeiro. Tudo isso simboliza o mesmo ponto – a disciplina é importante, mas a bondade deve dominar. Imagine ter de parar e pensar todos os dias antes de calçar seus sapatos. De repente, a rotina mais mundana se torna uma meditação. Se eu estou consciente até mesmo da importância dos cadarços de meus sapatos, então provavelmente terei consideração com as pessoas que encontrar, e assegurarei que enquanto uso o necessário comedimento, economizo minha mão mais forte para a bondade.”

Mas isto tudo não fez com que Antonio não deixasse de ouvir, durante a preparação do corpo de Isaac, seus gritos e o sentimento de sofrimento por conta do suicídio que cometera.

E, é claro, nem pensar em falar isto para o Rabino que supervisionava os trabalhos, pois certamente não acreditaria.

Antonio precisava – e o fazia – respeitar a crença de cada um. Isto que é a beleza da vida.

Foi então que, de forma discreta, Antonio acariciou o rosto de Isaac, pedindo a ele muita calma, pois sentia sua alma gemer e contorcer enquanto o vestia, tamanha a dor e sofrimento pelo que fizera com a própria vida.

Antonio sabia – pois aprendeu com os ensinamentos de sua mãe Antonina – que o corpo de Isaac estará marcado com os vestígios de suicídio por muito tempo. Da mesma forma ocorreria com sua alma, que, se não aceitar ajuda dos socorristas espirituais, manteria os traços de seus sentimentos.

Ambos sabiam o que tudo aquilo representava.

O CERIMONIAL DO SEPULTAMENTO

Por se tratar de uma sexta-feira e, portanto, Shabat, o enterro não poderia acontecer no mesmo dia e sim no sábado ao anoitecer, quando a primeira estrela surgisse no céu.

Então, sem pressa, Antonio elaborou o realse de Isaac e limpou, de forma cuidadosa, o seu corpo para os rituais de praxe.

Da mesma maneira que Isaac veio ao mundo, deveria partir, e sua purificação ocorreria com a prece de perdão pelos pecados cometidos.

A vestimenta haveria de ser uma mortalha branca para cobrir o corpo inerte, demonstrando simplicidade, dignidade e pureza.

Antonio, antes de preparar o realse de Isaac, iniciou a preparação de seu corpo para o velório.

Primeiro estirou seus braços ao longo do corpo, pois eles não poderiam ficar cruzados.

Fechou seus olhos e retirou seus adornos, ou seja, o relógio cravado de diamantes avaliado em aproximadamente dez mil reais, anel de ouro e a aliança, a dentadura postiça, óculos de grau, os esmalte das unhas, e cobriu seu corpo todo, dos pés à cabeça, com um lençol branco de algodão.

Depois se encontrou com a esposa de Isaac e entregou a ela os pertences de Isaac, embrulhados em um pano branco, novo, com leve cheiro de ervas aromáticas, com ênfase na erva cidreira, que acalma e melhora o estágio da depressão.

Foi então que Antonio retornou ao local sagrado e iniciou a preparação de Isaac.

Retirou o pano branco e limpou Isaac com um álcool especial. Não só pelo fato de estar todo machucado pela queda após ter ingerido veneno, mas por respeito ao morto e também para desinfetá-lo.

Já limpo, Isaac seria vestido com uma mortalha, feita com morim branco e composta com uma calça comprida fechada até os pés, uma camisa, um camisão, um cinto, um capuz para cobrir a cabeça e o pescoço, e dois sacos abertos em um dos lados para cobrir suas mãos.

Em seguida, Antonio colocou uma pedra sobre cada olho de Isaac e outra na sua boca, impedindo que ele viesse a questionar a própria morte, embora fosse ele que a tivesse procurado, bem antes de ter sido marcado o dia do seu Juízo Final.

Foi ainda colocado em cima da mortalha o seu talit, que usava durante as orações na sinagoga.

Nada de flores e corpo à mostra. Os parentes não têm a figura do morto no caixão, já que o entendimento é que se conserve a figura da pessoa viva, sua memória, para que ela, com mais facilidade, mesmo durante a decomposição de seu corpo, possa ter a liberação de sua alma e conseqüentemente possa alcançar a dimensão espiritual desejada.

Não se admite ostentação no enterro judeu.

O corpo seria enterrado imediatamente ao encerramento do Shabat e, neste caso, seria sepultado à parte dos demais mortos, próximo a um dos muros do cemitério, já que sua morte decorreria de um suicídio.

Por sua vez, as condolências seriam feitas na casa da família e seus parentes deveriam ter sua roupa rasgada pelo rabino, demonstrando que seu coração estaria dilacerado.

Embora no íntimo de Samira, a mulher de Isaac, tudo parecesse um alívio, diante de suas grosserias diárias.

Durante o enterro, aqueles que estiverem ali presentes deverão formar duas filas, como um corredor, por onde os enlutados deverão passar, ou seja, a esposa Samira, mãe e irmãos de Isaac.

Aqueles que formarem o corredor devem recitar, durante o percurso dos familiares, a tradicional prece de consolação: **“Hamacom yenachem etchem betoch shear avelê Tsiyon Virushaláyim”** (“Que Deus te conforte entre os outros enlutados de Sion e Jerusalém”).

Este é o ritual da morte de um judeu, que Antonio observou com cuidado, e entregou o texto que havia feito para um dos Rabinos aprovar, para que pudesse fazer sua leitura.

O ESTUDO DA CABALA

Antonio descobriu com Isaac o estudo da Cabala. Não tinha ideia do que se tratava.

Ouvia alguns comentários de algumas celebridades que eram adeptas dessa nova mania, mas não imaginava o poder de espiritualidade que a Cabala trazia.

Folheou os livros que Samira achou nas coisas de Isaac, enquanto tentava descobrir algo sobre seu marido, para que Antonio fizesse seu realse, e então decidiu buscar o tal estudo e passou a ler sobre o tema.

Aprendeu com o morto Isaac mais uma importante lição – o estudo da Cabala – , como também havia aprendido com a falecida Marcela a importância de cozinhar para os amigos.

AS ORAÇÕES PARA ISAAC

Primeiro o Rabino da comunidade faria as orações em hebraico para Isaac e depois rasgaria um pedacinho das roupas da esposa, mãe e irmãos do morto.

Ritual este denominado de Keriá, que desde os tempos bíblicos é seguido, recitando a bênção Baruch Dayan Emet, ou seja, “Bendito seja o verdadeiro Juiz”.

Segundo alguns mais religiosos, em caso de suicídio, este ritual não é seguido. Porém, o respeito ao morto é sempre observado, daí porque as autoridades rabínicas decidiram mantê-lo, exceto com relação ao local de seu sepultamento.

O Realse também foi lido após as orações.

Samira, a mulher de Isaac, decidiu manter os sete dias do luto, mais por consciência pesada do que por respeito.

Sim, porque Samira não se separou de Isaac, embora não o suportasse, pois precisava financeiramente dele. Não tinha profissão e nem queria trabalhar.

Com o que ele ganhava, mantinha seus pequenos luxos e, para ela, bastava.

Ademais, acreditava que agora Isaac sofreria, de fato, com sua conduta suicida, e ela, por sua vez, viveria com os seguros que ele havia deixado para ela e com os alugueres dos imóveis adquiridos durante o casamento.

ISAAC E O VALE DOS SUICIDAS

Isaac ficará, após seu tempo no vale dos suicidas, errante, aguardando ser reencarnado para se aperfeiçoar.

Neste período, poderá aproveitar para progredir, mas sua saída do estágio de suposto conforto por não fazer nada dependerá exclusivamente dele e de sua iniciativa.

Samira sempre soube que o planeta terra “pertence à categoria dos mundos de expiações e de provas e é por isso que nela o homem está exposto a tantas misérias” (*O evangelho segundo o espiritismo*. Allan Kardec. Edições Feesp, p. 55), daí porque temos a obrigação de aproveitar o momento para resistir às tentações imorais e transmitir aos demais companheiros do planeta o que de bom aprendemos. É a era do compartilhamento do que é útil para o aperfeiçoamento espiritual.

E então era Samira, naquele momento, que passava a fazer, no seu particular, as orações para Isaac, pois sabia que ele passaria a viver no vale dos suicidas, sob o comando de obsessores.

Orava, para afastar de seu pensamento a imagem do lugar. Embora judia, Samira também era espírita e se dedicava à doutrina. Única coisa que a motivava na vida.

Samira, conhecendo um pouco de Isaac, sabia que ele se sentia fracassado e, por sempre acreditar que não podia falhar e deveria ser plenamente reconhecido profissionalmente, decidiu, como um bom teimoso egoísta, contrariar a todos com o seu suicídio.

Isaac, sem ninguém saber, preparou cuidadosamente o vinho com láudano em excesso e o bebeu, acreditando que, somente quando fosse se deitar após o Shabat, é que ocorreria o efeito desejado.

Mas era um dia quente e o veneno agiu rápido.

Já se passava mais da metade da tarde e Isaac estava sentado em uma mureta de um armazém que vendia somente produtos kosher, que era vinculado à sinagoga que frequentava.

Havia ido lá para comprar beterraba, alho, cebola, pimenta e leite fresco, ingredientes para fazer uma boa sopa gelada. O Borscht.

O lado de fora do armazém era envolto com molduras feitas em Israel e no estacionamento, cercado por muretas de diversos tamanhos, reproduzia Massada. E foi assim que Isaac se viu mergulhado no desfiladeiro, bem em frente àquele Palácio construído por Herodes.

Aquela imagem não lembrava nem um pouco o vale dos suicidas, onde certamente ficaria Isaac, pelo cometimento insano de encerrar sua vida.

Mas acreditou que estava ali, em Massada, em noites infindáveis e unguidas de dor por todo o lugar.

Era uma das pragas do Egito: as trevas.

Foi assim a primeira visão que tinha, enquanto era acudido pelos funcionários do armazém e levado às pressas ao hospital local.

Mas, no meio do caminho, já havia falecido e, embora os médicos que o atenderam tivessem evitado, ao máximo, a sua ida ao IML, Isaac foi posto em um rabeção, a caminho do lugar.

Autópsia e liberação do corpo não foram sentidos por Isaac, que ainda tinha em sua mente a visão de Massada, embora sentisse que o vento estava muito gelado, o que transportava o cheiro de enxofre e vísceras putrefatas por todo o lugar.

Não entendia as figuras feias que via passando ao seu lado e lhe fazendo caretas.

Espíritos com contornos assustadores, transformando-se em cada olhar, como monstros.

A sensação era de que se estava em um presídio. O vale dos suicidas era imenso, por isso não se conseguia sair de lá, como se uma redoma de vidro, quase transparente, impedisse a sua passagem.

Nem mesmo um ar fresco entrava. Era somente aquele vento gelado. Bem diferente da sensação de um bem-estar.

Maltas de obsessores circundam aquela redoma de vidro que resguarda o vale, seduzindo os suicidas a saírem de lá para um lugar pior, através de uma passagem secreta que somente eles conheciam.

Era novamente o livre-arbítrio sendo testado.

E o lugar oferecido pelos obsessores era o próprio planeta Terra, ao lado dos criminosos de toda a estirpe, viciados de qualquer natureza, avarentos e maldosos.

Ainda que tortuoso, o vale dos suicidas ainda poderia ser uma aprovação para redenção, para que o suicida se conscientizasse do que fez para que, após muita oração e com a alma mais saudável, pudesse ser resgatado pelo seu mentor espiritual, que a todo o tempo tentara livrá-lo do desejo inescrupuloso de acabar com sua própria vida.

Isaac sentia cólicas abdominais intensas e não conseguia achar, naquele lugar, nenhum banheiro para tentar defecar.

Por mais sujo que fosse o lugar, o banheiro sempre foi um lugar sagrado para Isaac, e não seria à vista de todos que tentaria, a todo o custo, retirar de seu corpo aquele mal que o acometia.

Mas obviamente não havia banheiros e certamente não era esta a necessidade fisiológica de que um morto precisava. Não enquanto desencarnado.

O mal-estar crescia e a revolta também. Parecia que estava sonhando em Massada, em plena madrugada assustadora. Acreditava tratar-se de um pesadelo.

Adorava tanto o lugar, que seu cérebro o traía em uma noite de sono profundo, após se embriagar com algo desnecessário. Aquela mistura não lhe caíra bem.

Não tinha a consciência da morte. Não sentira a autópsia. Não presenciara o ritual fúnebre e tampouco a lavagem de seu corpo.

Estava ali, sem conseguir acordar do pesadelo.

O sentimento de ódio era sentido em todo o lugar.

Sombrio, Isaac sentia fome, frio, sede e aquela dor insuportável no estômago.

Nada de médicos e nem mesmo de expressões felizes. Lá estava ele, no meio de espíritos, que lhe pareciam pessoas que gritavam enfurecidas, gemiam de dor e na maioria das vezes blasfemavam com palavras que ele conhecia muito bem, pois, se não proferia para sua mulher Samira, o fazia para terceiros na rua e até em sua mente, enquanto caminhava para seu trabalho ou para os afazeres da sinagoga.

Aos poucos, foi revivendo sua vida como um filme de trás para frente e, após muito custo, entendeu que a tentativa de suicídio havia se consumado.

Em segundos, rememorou como havia sido todo o seu ritual fúnebre e passou a ser magnetizado por seus despojos apodrecendo, sua sepultura e o lugar em que estava enterrado.

Entendeu que, até na hora de sua morte, desrespeitou sua própria religião.

Era hora de aguardar os socorristas espirituais e pensou na sua esposa e em Antonio, que, com respeito, cuidou de seu corpo inerte.

Isaac se arrependeu de tudo que fez e pediu perdão.

O APERFEIÇOAMENTO DE ANTONIO. A HISTÓRIA CONTINUA

Estas duas principais mortes, que foram cuidadas de perto por Antonio, fizeram com que percebesse a importância da vida e a dela após a morte.

Antonio aprendeu com Marcela e Isaac que não pode haver contradições em doutrinas, cujo objetivo maior não é apenas alcançar Deus, mas sim tê-lo dentro de si. A suposta incompatibilidade alegada por alguns provém da desnecessidade do olhar exclusivo, já que é na hora da morte que nos igualamos.

A morte virá para todos e seus corpos ficarão inertes, independentemente da crença, da fé, do status social ou da quantia financeira de que se goza na terra.

Cada um tem a sua verdade, e que seja respeitada por outros que também têm a sua verdade. E que esta descoberta traga paz de espírito e evolução moral constante.

Antonio decidiu estudar e se dedicar aos mortos e suas famílias no momento mais difícil, o que poderá ser acompanhado nos próximos contos de “Antonio, o homem que limpava cadáveres”.

Desfrutem a vida e a compartilhem com os outros. É com bons exemplos que se ensina aos pares!

Até a próxima.

FIM!!!!